

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

LORENA MARIA MAGALHÃES GUALBERTO

MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL À GRADUAÇÃO: MUITO
APRENDIZADO E REFLEXÃO.

Mariana-MG

2020

LORENA MARIA MAGALHÃES GUALBERTO

MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL A GRADUAÇÃO: MUITO
APRENDIZADO E REFLEXÃO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina EDU 381, sob responsabilidade da Prof.Dr.Erislvado Pereira dos Santos, como exigência parcial para a aprovação na disciplina e para obtenção do título de licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Ouro Preto.

Orientador: Prof.Dr. Marcelo Loures dos Santos

Mariana-MG

2020

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

G899m Gualberto, Lorena Maria Magalhaes.
Memórias da Educação Infantil à Graduação [manuscrito]: muito
aprendizado e reflexão. / Lorena Maria Magalhaes Gualberto. - 2020.
30 f.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Loures .
Monografia (Licenciatura), Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Pedagogia .

1. Autobiografia. 2. Narrativa. 3. Experiência. 4. Reflexão crítica. 5.
Prática pedagógica. I. Loures , Marcelo . II. Universidade Federal de Ouro
Preto. III. Título.

CDU 37

Bibliotecário(a) Responsável: Luciana De Oliveira - SIAPE: 1.937.800



FOLHA DE APROVAÇÃO

Lorena Maria Magalhães Gualberto

Memórias da Educação Infantil à Graduação: Muito aprendizado e reflexão

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga

Aprovada em 20 de novembro de 2020

Membros da banca

Dr. Marcelo Loures dos Santos - Orientador (UFOP)
Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos - (UFOP)

Marcelo Loures dos Santos, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 11/12/2020.



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Loures dos Santos, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 19/04/2021, às 13:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0160053** e o código CRC **6AA5279D**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me dado força e saúde, me mantendo de pé em cada passo dessa jornada.

Aos meus pais Edson e Efigênia, por serem meu maior exemplo, pelo incentivo, cuidado, apoio e amor incondicional. Além de me proporcionarem todos os recursos necessários para que eu pudesse usufruir ao máximo de tudo que a Universidade tem a oferecer. A vocês minha eterna gratidão.

Ao meu irmão Leonardo, por ser minha maior alegria, motivação e minha inspiração para superar até os dias difíceis.

Ao meu companheiro Rafael por acreditar em mim, quando eu mesma havia deixado de acreditar, ter me emprestado sua força quando eu ousava fraquejar e acima de tudo por sempre me entender e me ajudar em todos os quesitos para que eu pudesse concluir mais essa etapa.

À Universidade Federal de Ouro Preto, e todo seu corpo docente e demais, por todos ensinamentos, assim como todas as oportunidades durante o curso.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcelo Loures, agradeço por ter sido compreensivo, paciente e por tudo o que me ensinou.

À Profa. Dr^a. Celia Maria Fernandes Nunes e o PET PEDAGOGIA pela transmissão mutua de conhecimentos que me fizeram crescer imensamente.

À Sandra e aos amigos André, Carlos Eduardo, Diana, Ivan, Valéria e Wisllas por não medirem esforços e acompanharem cada passo meu nessa trajetória.

Meu muito obrigado a cada um de vocês, que foram parte essencial na conclusão de mais uma etapa.

“Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente na, prática e na reflexão da prática.” Paulo Freire.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um memorial formativo. Sua proposta é registrar e refletir sobre a trajetória de formação acadêmica, incluindo experiências e momentos que marcaram todo processo educativo que serão apresentados como trabalho de conclusão de curso da disciplina EDU 381 – monografia do curso de pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto. De acordo com Moraes (1992), “memorial é um retrato crítico do indivíduo visto por múltiplas facetas através dos tempos, o qual possibilita inferências de suas capacidades”. Sendo assim, a elaboração deste, dá a oportunidade de o aluno escrever sua autobiografia com narrativas do passado e presente, é um passo importante para refletir sobre suas ações, podendo inspirar outras pessoas que desejam a mesma profissão, assim como promover a reflexão crítica nas práticas pedagógicas. A escolha pela temática surge da superação de medos e desejo de seguir em frente. Nele, é possível encontrar elementos que subsidiam relatos de minha trajetória na vida estudantil dos anos iniciais até os dias de hoje na graduação, as formações complementares, a participação em atividades de ensino, pesquisa e extensão, estágios, os desafios e possibilidades, bem como as conquistas alcançadas ao longo desses anos e caminhos a serem seguidos no futuro.

Palavras-chaves: experiências; autobiografia; narrativa, reflexão crítica; práticas pedagógicas.

ABSTRACT

The present work has as objective to present a formative memorial. Its proposal is to record and reflect on the trajectory of academic education, including experiences and moments that marked the entire educational process that will be presented as a course conclusion work for the discipline EDU 381 - monograph of the pedagogy course at the Federal University of Ouro Preto. According to Moraes (1992), "memorial is a critical portrait of the individual seen through multiple facets over time, which allows inferences of his abilities". So, the elaboration of this, gives the student the opportunity to write his autobiography with narratives of the past and present, and is an important step to reflect on his actions, being able to inspire other people who want the same profession, as well as promoting critical reflection in pedagogical practices. The choice for the thematic emerges from overcoming fears and the desire to move on. In it, it is possible to find elements that subsidize reports of my trajectory in student life from the early years until today in undergraduate, complementary training, participation in teaching, research and extension activities, internships, challenges and possibilities, as well as the achievements achieved over these years and paths to be followed in the future.

Keywords: experiences; autobiography; narrative, critical reflection; pedagogical practices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 EDUCAÇÃO INFANTIL	11
2 ENSINO FUNDAMENTAL	13
3 ENSINO MÉDIO E FORMAÇÃO COMPLEMENTAR	16
4 A UNIVERSIDADE, SEUS DESAFIOS E POSSIBILIDADES	18
4.1. ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, OS TRÊS PILARES MAIS IMPORTANTES DA EDUCAÇÃO	20
4.2. O FIM DA GRADUAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Pedagogia, tem por objetivo apresentar minha trajetória como discente, dos anos iniciais até a graduação a partir de um memorial formativo, proposta essa elaborada no Período Letivo Especial (PLE¹) da UFOP.

O memorial, de acordo com o dicionário da língua portuguesa, é uma obra literária na qual o autor evoca fatos a que tenha assistido ou em que tenha tomado parte. Assim, o desígnio para produção do mesmo foi a análise da instituição escolar e tudo que foi vivenciado no cotidiano escolar, de acordo com a minha experiência individual como estudante. Neste sentido, serão apresentadas reflexões sobre escolhas e posturas por meio da minha trajetória escolar e terá foco em abordagens de aprendizagens significativas ou de maior desafio com base na educação básica, formações complementares e estágios, extensões e pesquisas da graduação em pedagogia.

Trazer episódios considerados relevantes em minha trajetória histórico cultural por meio da escrita é extremamente desafiador, visto que se trata da narração da minha própria história e recordações. Para que seja possível o entendimento de demais leitores, será feita uma relação entre o que vivenciei na teoria e prática, assim como reflexões desse percurso e os motivos que levaram a escolha do curso, as expectativas para a futura profissão, a importância da formação continuada e possíveis mudanças na prática docente, que podemos perceber no pensamento de Paulo Freire, que diz:

Crescer como profissional significa ir localizando-se no tempo e nas circunstâncias em que vivemos para chegarmos a ser um ser verdadeiramente capaz de criar e transformar a realidade em conjunto com os nossos semelhantes para o alcance de nossos objetivos como profissionais da Educação (Freire, 2001, p. 35)

Importa evidenciar que o motivo pelo qual surgiu o interesse em produzir o memorial, foi contribuir com o redimensionamento das práticas e rituais da trajetória escolar. Espera-se, ainda, que os dados apresentados aqui possam trazer reflexões na comparação de experiências vivenciadas e contribuir de forma pedagógica social e na sua formação.

¹ O período Letivo Especial (PLE) trata da oferta e aprovação de um calendário emergencial em virtude do contexto de Pandemia pelo Novo Corona vírus (COVID-19).

A revisão da literatura contemplou os autores: Adolfo Ázquez (1977); Célestin Freinet (1969, 1998); Cleonice Bosa (2002); Irany Moraes (1992); Joe Garcia (2002); Magda Soares (2009); Maria da Conceição Passeggi (2008); Paulo Freire (1977, 1979, 1993, 1996, 2000, 2001); Rosana Araújo (2005) que discutem questões da educação escolar em todos os níveis de ensino para contextualizar o tema. A estrutura do texto está em capítulos sobre as experiências dessa trajetória, projetos/práticas complementares e por fim, considerações finais e referências bibliográficas.

1 EDUCAÇÃO INFANTIL

Nesse capítulo será apresentado o início da trajetória qual trilhei, buscando expor as lembranças que marcaram minha infância no âmbito escolar com transparência em cada fato.

Iniciei minha trajetória escolar aos 3 anos de idade, no ano de 1998, na cidade de Ouro Preto – MG. Meus pais me colocaram cedo para frequentar a escola, pois trabalhavam. No entanto, consideravam de extrema importância que os anos iniciais fossem feitos em uma instituição de ensino e que eu tivesse um profissional docente para acompanhar meu processo de aprendizagem.

Na educação infantil as escolas que frequentei foram todas da rede particular de ensino. A primeira delas era chamada de “Comecinho de vida”, que a meu ver representava bem o que íamos viver naquele momento, já que foi onde tudo começou, as novas experiências, amigos, e acima de tudo, autonomia. Sabe-se que a autonomia é de extrema importância para o desenvolvimento de capacidades, pois de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

A autonomia é tomada ao mesmo tempo como capacidade a ser desenvolvida pelos alunos e como princípio didático geral, orientador das práticas pedagógicas. A realização dos objetivos propostos implica necessariamente que sejam desde sempre praticados, pois não se desenvolve uma capacidade sem exercê-la.(2001).

A segunda escola que fiz parte foi a junção da gestão da primeira que frequentei com novos profissionais e/ou de outras instituições de ensino, com intuito de criar uma rede única e maior, com mais colaboradores. Mesmo com toda mudança, o quadro de funcionários era basicamente equivalente,

com poucas alterações. Essa escola me marcou muito, pois além de ser o local onde cresci, eu tinha uma amiga estimada. Quando digo estimada não é só pelo fato dela ser uma boa pessoa, mas a mesma faz parte do público alvo da educação especial e mesmo com pouca idade e sem entender o motivo, tinha algo nela que me chamava atenção profundamente. Diferentemente de outros colegas, que pouco se importavam e quase nunca permitiam a presença dela nas atividades coletivas e brincadeiras, os anos com ela me fizeram aprender que não somos todos iguais e não importa o motivo que nos faça diferente, temos que respeitar as adversidades de cada um e fortalecer a inclusão. A minha professora, quem eu chamava de “tia” por força do hábito, tinha uma didática excelente. Foi com ela que aprendi as primeiras letras, os números, palavras novas e a escrever meu nome.

Saindo do jardim de infância, tive que mudar de escola novamente, pois nesse momento já estava crescendo e indo para o Pré, onde fiquei até a primeira série. Aprendi muito na pré-escola, inclusive a ler e escrever. Essa escola era considerada uma das melhores da época, devido a qualidade de ensino, o único problema era seu pouco espaço. O espaço físico é parte importante do processo de ensino e aprendizagem. Além de pequena, grande parte das crianças que os pais optavam pela rede particular eram matriculadas ali. As professoras eram consideradas de boa qualidade e a maioria dos alunos já saiam de lá para o ensino fundamental praticamente alfabetizados, na verdade não era obrigatório que eles já chegassem no fundamental com essa habilidade, mas, lá os métodos eram outros e a grande maioria já chegavam em outras instituições preparadas, pois além da bagagem cultural e social que o aluno já tinha antes da escola, ele passava ter novos conhecimentos e facilitava o ensino do próximo professor (a).

O fim da educação infantil é muito difícil e para mim não foi diferente. São novos desafios: os espaços, os colegas, a responsabilidade com a nova proposta pedagógica, o termo tia que deve ser deixado para trás, entre outros. Tenho a impressão que os pontos mais difíceis para a criança nessa transição, seja se tornar “independente” e compreender que “tia” e professora tem papéis diferentes mesmo parecendo ser semelhantes. Naquela época foi complicado para mim a compreensão em um primeiro momento, mas, hoje entendo o motivo, o porquê devemos ter cuidado com essas questões e

procurar desde o começo deixar claro para a criança a distinção dos papéis, pois mesmo que chamar a professora de tia seja uma demonstração de carinho por alguns o seu papel educacional tem função diferente do vínculo familiar. De acordo com Paulo Freire:

A professora pode ter sobrinhos e por isso é tia da mesma forma que qualquer tia pode ensinar, pode ser professora, por isso, trabalhar com alunos. Isto não significa, porém, que a tarefa de ensinar transforme a professora em tia de seus alunos da mesma forma como uma tia qualquer não se converte em professora de seus sobrinhos só por ser tia deles. Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento, enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão. (FREIRE 1997, p.9).

Então, repensando as minhas próprias experiências acredito que para esse processo de transição seja menos complicado e sem problemas para a criança, é necessário deixar claro desde cedo a identidade profissional.

2 ENSINO FUNDAMENTAL

O ensino fundamental foi de muitas mudanças, mas, me mantive em escola que oferecia ensino de qualidade. Pensando sempre em melhorias na minha formação, meus pais viram como necessidade que eu fosse matriculada em uma escola que ocupasse todo meu tempo durante a semana, já que eles trabalhavam o dia todo. Além disso, as ofertadas eram mais atraentes, eu tinha a oportunidade de participar do horário integral, o espaço físico era muito bom e a quantidade de atividades para além da sala de aula era muito maior e propicia para meu desenvolvimento.

Cheguei alfabetizada das outras escolas que havia frequentado e mesmo que em alguns pontos a nova instituição fosse mais avançada, os métodos de ensino não mudavam, ainda assim era tradicional, o que fazia que o processo de ensino e aprendizagem continuasse descontextualizado de acordo com nossa realidade.

Sempre achei que esse formato parecia estar muito distante da nossa capacidade, porém ele ia continuar e não adiantava reclamar ou pedir mudanças, o aluno não tinha autonomia alguma, o professor e demais componentes da gestão escolar era quem ditava as regras. A tendência pedagógica tradicional faz com que o aluno seja um mero receptor e seus

pensamentos e ideias não importam, dessa forma, ele é desprezado em sala de aula. Freire trata essa questão como “educação bancária” e destaca:

[...] "bancário", que deforma a necessária criatividade do educando e do educador, o educando a ele sujeito pode, não por causa do conteúdo cujo "conhecimento" lhe foi transferido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular, a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do "bancarismo" (FREIRE, 1996, p.14).

A bagagem que o aluno carregava não era levado em consideração e isso foi me retraindo, mesmo que eu fosse uma aluna curiosa e que sempre buscava por conhecimento não era possível levantar questões e foi nesse momento que passei a não interagir, por medo e vergonha de cometer algum erro.

Decorar os conteúdos era tudo que o aluno precisava, então era o que eu fazia com as matérias que dava, mas infelizmente a matemática me trouxe problemas. As questões podiam até ter fórmulas, mas sempre mudavam os números e isso me trazia dificuldades. Não desisti de primeira, frequentava todas as monitorias oferecidas pelo colégio, porém a professora era a mesma e não fazia diferença, só era mais humilhante pois no entender dela eu não estava aprendendo por preguiça. Busquei por outros professores de aula de reforço e comecei a desenvolver novamente, aos poucos fui aprendendo e percebi que a matemática e nenhuma outra disciplina era um “bicho de sete cabeças”. Cada educador tem seu jeito de explicar, tem didáticas diferentes, eu aprendi com mais facilidade no lúdico e tudo se descomplicou naquele momento. O jeito que aprendi no reforço era muito mais prático e convincente, mas na escola eu travava, diversas vezes a professora me chamava no quadro negro, e foi me deprimindo pois em um desses momentos, eu fiz a questão da forma que sabia, porém fugia do jeito que ela havia explicado, daquela maneira era inaceitável mesmo que o resultado final fosse o certo.

Fui humilhada, e ouvi palavras que marcaram minha trajetória, porém o professor era autoridade máxima tive que aceitar e conviver com minhas dificuldades. Na sétima série que hoje é chamada de oitavo ano fui reprovada e o pesadelo voltou a existir, momento marcado pelo meu insucesso, então só pensava em desistir.

Meus pais sempre buscaram o melhor, e como uma forma de me fazer aprender e punir pela minha “falta de responsabilidade” já que a

repetência era considerada por eles um erro somente meu, fui obrigada a continuar na mesma escola e me virar sem muita “mordomia” para aprender. Fiz o que pude e por sorte a professora naquele ano não era mais a mesma. O ensino da matemática deve ter incentivo para busca de estratégias de resoluções de problemas, criatividade, trabalho coletivo, enfrentamento de desafios, boa prática e bons docentes. Freire esclarece e nos faz um alerta:

O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Isso não significa, porém, que a opção e a prática democrática do professor ou da professora sejam determinadas por sua competência científica. Há professores e professoras cientificamente preparados, mas autoritários a toda prova. O que quero dizer é que a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor (FREIRE, 2000, p. 103).

Construindo e aprimorando meus conhecimentos com a ajuda da nova professora que procurava conhecer cada aluno e em muitos momentos transformar nossa realidade, entendi que o problema não estava relacionado à falta de esforço, todo ser tem dificuldades eu poderia dar a volta por cima e superar fatores que vinham alimentando todos meus pensamentos negativos e de falta de esperança.

Na oitava série, atual nono ano, eu já estava melhor psicologicamente e já sabia tudo que pretendia fazer. Por coincidência eu tinha uma professora de matemática que me enxergava na profissão de pedagoga, ela sempre dizia “você tem sede de transformação! É disso que precisamos! Sem contar que leva muito jeito para as relações escolares diárias”, eu tinha consciência do papel que poderia assumir e compromisso, mas, não sabia se seria possível. Para Freire:

“A conscientização está evidentemente ligada à utopia, implica em utopia. Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos. Mas esta posição deve ser permanente: a partir do momento em que denunciemos uma estrutura desumanizante sem nos comprometermos com a realidade” (FREIRE, 1979, p16)

Segui participando de vários projetos e então finalizei o fundamental consciente dos meus próximos passos, mesmo com todos desafios.

3 ENSINO MÉDIO E FORMAÇÃO COMPLEMENTAR

Em 2010, comecei o ensino médio. Durante os primeiros meses frequentei o médio técnico em Metalurgia, quantas novidades, foi naquele momento que tive certeza que meu futuro estava exatamente em minhas mãos e tudo que fosse feito seria consequência dos meus atos. Nesse mesmo ano os técnicos e professores do Instituto Federal entraram em greve, quando recebi o comunicado já pensei em mudar de escola. Em pouco tempo, enquanto pensava se aguardava a volta às aulas ou se me matriculava em outra escola, surgiu a oportunidade do primeiro emprego e eu não tive dúvidas, procurei por uma escola estadual do município de Ouro Preto onde eu pude conciliar os horários de estudo e trabalho, e então passei a fazer parte dessa instituição de ensino no turno na noite.

Esse período deixou em mim muitas marcas, fui morrendo de medo sobre como seria estudar à noite, já que escutava apenas opiniões negativas sobre estudar nesse horário. Para minha surpresa, foi tudo exatamente como eu esperava: os professores eram praticamente os mesmos do turno da manhã e na minha sala, todos que estavam ali tinha um único objetivo. Considerei-me privilegiada.

O primeiro emprego era de jovem aprendiz e como era contrato, havia um prazo para acabar. Já com responsabilidade e independência fui organizando minhas ocupações futuras, e o próximo passo foi cursar Conservação e Restauro em Edificação Civil, no antigo SENAI que existia na cidade de Ouro Preto – MG, como a primeira formação complementar que eu sempre desejei.

Retornei ao horário matutino e, como sempre era muito participativa na escola, eu era considerada uma boa aluna e esforçada, fui convidada pelos professores e pela gestão, para ajudar a auxiliar os alunos de uma turma da educação de jovens e adultos. E lembrando todas as dificuldades que passei no ensino fundamental, aceitei. Nas aulas, auxiliava esses alunos na realização de atividades e com a retirada de dúvidas. Fazendo parte desse processo, percebi que além de ajudá-los eu também estava adquirindo mais conhecimento e que possivelmente faria diferença nas minhas próximas escolhas. Além disso fazia outros cursos básicos, como de língua estrangeira, informática, entre outros.

Conclui o ensino médio em 2013, com a certeza que o caminho a ser percorrido ainda não tinha acabado. No ano de 2014, após concluir o curso de Conservação e Restauro, pude escolher entre outros dois técnicos da mesma instituição, pois prestei prova e mais uma vez fui selecionada. Dessa vez, tinha conseguido o primeiro emprego com carteira assinada e também estava aguardando as chamadas do ENEM com intuito de ingressar em alguma universidade. A carteira assinada, foi muito importante para mim, pois vai muito além da independência é uma condição essencial, que me daria estabilidade e era a garantia dos meus desejos que necessitavam de apoio financeiro para realização.

Continuei trabalhando e fiz mais um curso nesse meio tempo, que foi de Auxiliar administrativo, eu acreditava muito que ele pudesse me ajudar no mercado de trabalho, e ajudou. Logo que acabou, decidimos (eu e minha família) que eu poderia fazer a graduação em uma faculdade particular mesmo, pois dessa forma eu não tinha motivo para desanimar, o tempo não iria passar sem que eu tivesse aproveitado ao máximo e mesmo que as aulas não fossem 100% presencial, de alguma maneira eu estaria em um novo processo de aprendizagem que com toda certeza me acrescentaria bastante na carreira que eu escolhi.

Revendo toda minha trajetória do ensino médio, pude refletir que são três anos para tomadas de decisões e é muito desafiador. A oferta do mesmo é um direito de todos, mas, nem todos os jovens pensam sobre essa etapa como obrigatoriedade e não veem como essencial para a vida e definição do futuro. Em alguns casos diferentes do meu, os alunos não conseguem dialogar com a escola – ou vise e versa o que é uma das causas da evasão, da falta de interesse e mudança de planos. Dessa forma, é muito importante que a escola e professores incentivem e apoiem os alunos nessa etapa final da educação básica, pois a adolescência nos traz muitas incertezas e é um momento oportuno para ajudar os estudantes a entenderem quem são e qual caminho desejam seguir.

Por fim, acredito que devido a todos os desafios e novidades que o ensino médio nos traz é importante desenvolver as habilidades e competências dos alunos não apenas no que diz respeito aos conhecimentos

curriculares, mas estabelecer uma boa relação social e senso crítico para as tomadas de decisões.

4 A UNIVERSIDADE, SEUS DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Logo que eu passei por todas as etapas da educação básica e usufruí de todas as formações complementares que eu tive vontade, meu desejo e próximo passo era a graduação.

Desde criança eu mostrava afinidade com as diversas áreas da pedagogia e serviço social, mas, eu ainda estava bastante indecisa e essa indecisão não estava relacionado à falta de opinião própria ou interesse, mas por tudo que a fase da adolescência nos traz. A área de humanas sempre foi minha preferida, mais havia alguns aspectos da engenharia civil e da arquitetura que chamavam minha atenção.

Prestei o ENEM e o curso que escolhi foi Serviço social, sem saber como funcionava direito o sistema. Extremamente leiga nessas questões, só me atentei à primeira chamada, pensando que não tivesse passado para nenhuma das opções de curso que havia optado para ingressar na universidade pública. Depois de um tempo, soube que havia conseguido a vaga, mas como não continuei acompanhando a chamada, a data de inscrição expirou, infelizmente, tive que aguardar uma próxima oportunidade.

Em 2015, já mais certa das minhas escolhas, decidi o que eu realmente pretendia e foi aí que comecei a cursar pedagogia em uma faculdade particular da cidade de Mariana – MG. Soube também da existência do Curso de Pedagogia no Instituto de Ciências Humanas e sociais, outro campus da Universidade Federal de Ouro Preto. A partir daquele momento, só pensava na minha pontuação na próxima prova do ENEM e procurei saber onde era, os horários de funcionamento, entre outras curiosidades e vivia pensando sobre quando eu fosse pertencer aquele local.

Buscando sempre por informações que fossem úteis para meu futuro, fui diretamente na secretária de ensino do departamento de educação e pedi informações que me auxiliasse a essa nova etapa. No mesmo dia soube a data de inscrição e os documentos necessários para o processo de transferência caso eu fosse aprovada. Como eu precisava ter determinada

porcentagem de carga horária para efetivar a transferência, continuei nessa faculdade até alcançar a carga horária prevista.

Ainda cursando o segundo semestre de Pedagogia na faculdade Estácio de Sá e aguardando a análise de documentos para aprovação da transferência para UFOP, fui convidada para prestar serviços em uma escola da rede privada da cidade Ouro Preto – MG. Aceitei mesmo com pouca experiência por não ter passado nem pelos estágios, a princípio, seria monitora do berçário. A primeira vez que entrei na escola, a dona e diretora da instituição me disse que eu poderia ir muito além, conhecia muitos funcionários e tudo que era proposto eu entendia com facilidade e tinha muita propriedade, para minha surpresa ela mudou toda proposta e me levou para instruir uma turma de segundo período da educação infantil.

A turma era extremamente difícil, os alunos eram todos indisciplinados e nenhum professor conseguia ter uma boa relação, muito menos permanecer com os mesmos. Aceitei, mais com a minha proposta que era de fazer o possível dentro dos meus limites. Estava dando certo a ponto de ninguém acreditar, eu percebi naquele momento que não tinha nenhum segredo, além da habilitação necessária no curso de licenciatura em Pedagogia que nos dá formação para lecionar, era preciso gostar de verdade do que fazia e fazer bem feito, com comprometimento e dedicação. Busquei todas as formas para aprimorar meus conhecimentos e alcançar o sucesso, aos poucos fui ficando confiante, mas no fundo eu sabia que precisava ir além e me preparar melhor pois a qualquer momento poderia receber alguma surpresa boa ou ruim, visto todas as características daquela turma.

Recebi de braços abertos e de coração apertado uma criança autista, eu tinha muito carinho para lhe oferecer mais pouco conhecimento para repassar. Cleonice Bosa nos traz a seguinte reflexão:

Compreender o autismo é abrir caminhos para o entendimento do nosso desenvolvimento. Estudar autismo é ter nas mãos um “laboratório natural” de onde se vislumbra o impacto da privação das relações recíprocas desde cedo na vida. Conviver com o autismo é abdicar de uma só forma de ver o mundo - aquela que nos foi oportunizada desde a infância. É pensar de formas múltiplas e alternativas sem, contudo perder o compromisso com a ciência (e a consciência!) – com a ética. É percorrer caminhos nem sempre equipados com um mapa nas mãos, é falar e ouvir uma linguagem, é criar oportunidades de troca e espaço para o nosso saber e ignorância [...] (BOSA, 2002, p. 13).

Era injusto eu continuar lecionando nessa turma sem formação necessária, pois ele merecia qualidade no ensino assim como os outros, eu reconheci que estava perdida, com medo e mesmo sendo capaz de entender que ninguém nasce sabendo tudo, eu não podia arriscar sem ter pelo menos entendido um pouco sobre o autismo e deficiências de modo geral. A escola também não tinha suporte e de acordo com a LDBEN (Lei 9394/96) em seu artigo 8º:

(...) as escolas da rede regular de ensino devem prever e prover na organização de suas classes comuns: III- flexibilização e adaptações curriculares que considerem o significado prático e instrumentados conteúdos básicos, metodologias de ensino e recursos didáticos diferenciados e processos de avaliação adequados ao desenvolvimento dos alunos que apresentem necessidades educacionais especiais, em consonância com o projeto pedagógico da escola respeitado a frequência obrigatória. (LDBEN nº 9394/96)

Essa questão era o que mais me preocupava, pois eu não tinha uma quantidade de alunos mais um, eu tinha determinada quantidade de alunos incluindo ele, pois sempre entendi que somos diferentes sim, mas o tratamento deve ser igual para todos independentemente de cor, raça, gênero, etnia, religião, entre outros e foi nesse momento que decidi que se eu não pudesse fazer igual para ele, eu não queria continuar.

Bem no final de mais essa etapa, eu já tinha a carga horária necessária para a transferência e os documentos tinham sido aprovados e logo após deixar a escola em que eu trabalhei a primeira vez como profissional docente, em meados de 2016 eu me tornei aluna da pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto. Nesse momento, todas as portas se abriram e foi aí que decidi me dedicar por inteira, não tinha mais trabalho era somente o estudo e vem sendo assim há incríveis quatro anos.

4.1. ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, OS TRÊS PILARES MAIS IMPORTANTES DA EDUCAÇÃO

No final do primeiro período, abriu vaga para não bolsista no Programa de Educação Tutorial - PET Pedagogia e eu não sabia ao certo o que era e o tanto que seria importante para minha formação. Fiz a inscrição e assim como no dia da entrevista, mais uma vez, fui por muita curiosidade e desejo de aprender mais.

O PET foi minha melhor escolha dentro da universidade. Foi esse programa que influenciou em todos meus passos nessa trajetória pois ele

proporcionou a participação nos três pilares mais importantes da educação, o ensino, a pesquisa e a extensão.

As atividades de ensino foram diversas, eu desenvolvi meu conhecimento em todas que tive oportunidade de participar, como ouvinte ou palestrante.

Desde que eu entendi a proposta da pesquisa e da extensão, meu desejo sempre foi conciliar as duas e foi o que fiz, pois ao meu ver a teoria e a prática em conjunto, tendem a serem mais bem entendidas. Sánchez Vásquez (1968) faz a seguinte observação:

Na interação teoria – prática, ambas se produzem mutuamente, o que torna impossível separá-las para, depois, hierarquizá-las como se a um segmento teórico correspondesse de forma direta e imediata um segmento prático, ou vice-versa. A interação se efetiva por meio de "um processo complexo, no qual muitas vezes se passa da prática à teoria e outras desta à prática" (SANCHEZ VÁZQUEZ, 1977, p. 233).

Nesse sentido, logo que comecei a participar da extensão “Conhecendo os vetores da dengue, febre amarela, Chikungunya e Zika. Uma proposta de formação continuada com sujeitos da escola”, conversei com os pesquisadores do tema e passei a fazer parte também da investigação, já que a mesma tratava de uma pesquisa participativa de caráter extensionista. Participar desses dois processos me ajudou muito na coleta de dados, além de contribuir na observação sobre como a prática me possibilitaria entender melhor a teoria, pois o trabalho tinha como objetivo levar aos alunos do ensino fundamental e demais sujeitos da escola práticas educativas para facilitar o processo de ensino aprendido e criar ferramentas e meios para que eles pudessem atuar na disseminação de medidas para o enfrentamento aos vetores da Dengue, nas cidades de Itabirito, Mariana, Ouro Preto e região. Busquei por conteúdos e em pouco tempo estava certa sobre as fases do desenvolvimento do mosquito, o que era extremamente importante já que as crianças são curiosas, fazem perguntas e procuram por quem possa sanar suas dúvidas.

Antes de levar o conhecimento que tínhamos para as escolas, criamos todo um material. Eu por ter habilidade na construção de materiais didáticos criei fantoches e o cenário do teatro que havíamos pensado para apresentar nas escolas, após termos em mãos os personagens, juntei demais componentes do grupo e montamos toda a apresentação, criamos um texto

com linguagem própria das crianças, que após revisado se tornou um áudio, feito por alunos da Artes Cênicas também da UFOP. Foi um trabalho lúdico de excelência e muito bem organizado, as atividades ocorreram ao longo do ano, para que no fim dele pudéssemos auxiliar os alunos para apresentarem para demais turmas, deixando com eles a responsabilidade de serem multiplicadores das informações obtidas.

Aconteceu também a capacitação destinada a professores do município, como forma de promover entretenimento e troca de experiências relacionadas a educação e saúde. Foi um evento grande todo pensado na conscientização sobre agravos que o mosquito causa na saúde humana, essa capacitação foi meu primeiro trabalho com envolvimento na organização e como palestrante e será sempre lembrado pois foi uma experiência incrível, apesar de todas dificuldades o esforço foi compensado ao ver que o grupo tinha cumprido com o objetivo do projeto.

Além de termos um trabalho com as escolas da região, pensávamos sempre em ajudar de forma significativa a vigilância epidemiológica da Secretaria Municipal de saúde de Ouro Preto, onde a universidade é localizada. Os dados são muito importantes para controlar a doença e prevenir de surtos.

Me apeguei muito nesse projeto, pois a região em que moro era alvo de casos da doença e foi uma maneira que encontrei para nortear medidas de controle para prever e prevenir novos surtos, além de conscientizar outras pessoas sobre os problemas causados na saúde humana pela mesma.

Depois de algum tempo, surgiu a oportunidade de participar de outro projeto de extensão, então pensei muito sobre sair do que pertencia já que eu gostava muito e sabia que de alguma forma afetaria na minha pesquisa. Mas, como eu já tinha aproveitado ao máximo, decide que iria mudar para ter a possibilidade de conhecer outros espaços educacionais para além da sala de aula que poderia fazer parte depois da formação em pedagogia.

A segunda e última extensão foi “Letra Viva”, essa de autoria do próprio PET pedagogia e que tem como objetivo dar suporte pedagógico para as atividades desenvolvidas com as crianças e adolescentes das comunidades locais em projetos que desenvolvam atividades de leitura, produção de textos e reforço escolar.

Pensando em colaborar com a comunidade que a universidade está inserida e sabendo da importância do trabalho com leitura e escrita, o projeto se inspirava na Magda Soares, que diz:

Aprender a ler e escrever [...] tem consequências sobre o indivíduo e alteram seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos (SOARES, 2009, p. 17-18).

As atividades ocorriam semanalmente, com cerca de 25 a 30 alunos por encontro e para que todos tivessem interesse, não limitasse a participação, o trabalho era didático e lúdico e mesmo que abordasse mais produção de texto e leitura, envolvia todas as áreas do conhecimento.

No primeiro momento eu senti a necessidade de estudar sobre a alfabetização em salas de aula que tivessem alunos com idade/série distintas, pois mesmo que fosse em um espaço não escolar, as crianças tinham suas dificuldades e eu queria suprir elas quanto mediadora, mas, percebi que tinha que entender também sobre questões de indisciplina pois era algo recorrente daquela instituição, então busquei por professores que tratassem esse tema e passei ajudar no projeto de doutorado sobre “Indisciplina e gênero: estudo das percepções de estudantes do ensino fundamental sobre o comportamento de indisciplina de meninas e meninos na escola”, que tratava sobre a indisciplina em relação ao gênero e o quanto essa questão afetava no desempenho escolar.

Quando comecei a ler os textos, percebi que a indisciplina é algo comum não só no projeto em que eu fazia parte, mas em outras instituições de ensino. A teoria relacionada a prática fazia muito sentido nessa temática, pois eu conseguia ver e refletir sobre os casos de indisciplina que aconteciam na maioria das vezes por meninos, o que não deve ser generalizado. Garcia afirma:

[...] a indisciplina se refere às condutas, atitudes, modos de socialização, relacionamentos e desenvolvimentos cognitivo, que demonstram os estudantes, e que tendem a não reproduzir, divergir ou mesmo negar as orientações, expectativas ou oportunidades apresentadas pela escola. (GARCIA, 2002 p. 376).

Visto que as questões de indisciplina estavam bem claras e era referente a uma série de questões que fazia o aluno agir de forma negativa as orientações da escola e pensando que tinha um longo caminho a ser percorrido

para escrever meu trabalho de conclusão de curso e que não queria abrir mão de distanciar a teoria da prática nos meus estudos, quis entender mais sobre a alfabetização e dificuldades de alunos que frequentam mesma classe com idade e série diferentes que já era meu principal foco nesse projeto de extensão.

Sendo assim, mesmo que eu já tivesse em mente investigar outros assuntos que me causam inquietação, busquei por um professor que sempre me identifiquei no decorrer do curso, para tirar minhas dúvidas e pensar junto com ele como eu poderia trabalhar essa temática. Esse mesmo professor trabalha com a educação no campo (que por sinal é onde normalmente se tem o trabalho com multisseriação) e já pensava em algo parecido na área. Foi assim que no começo do sexto período do curso surgiu meu tema de pesquisa e monografia, “Concepções do programa de formação continuada escola ativa e sua influência nas estratégias pedagógicas em classes multisseriadas”.

Meu objetivo era compreender sobre a eficiência dessas práticas e princípios teóricos que as orientam e levar como metodologia para extensão com a pretensão de fazer muito mais pela formação das crianças que faziam parte daquela instituição.

No decorrer da minha permanência nesse projeto, passou a ser notório a diferença dos graus de aprendizagem dentro da mesma sala. Dessa forma, conciliando a teoria e a prática busquei por alternativas que fossem eficazes e possíveis para alfabetizar grande número de alunos com qualidade.

Tendo em vista ainda que a multisseriação não é um assunto de conhecimento de todos e são poucos referenciais teóricos para trabalhar o tema, assim como poucos autores que referenciam tais práticas e por observar que muitas pessoas que de alguma forma contribuíram com o prosseguimento do Letra Viva, não tinham interesse em se manter pois não encontravam maneiras de trabalhar com as turmas, o que tornava algo desinteressante, a minha pesquisa passou a ser pensada como uma maneira de buscar pelo aumento de novos dados sobre tal método de ensino, assim como apoiar a universalização do acesso e prosseguimento escolar de qualidade em todo grau de educação básica para a população, principalmente a do campo.

Depois que passei a entender melhor sobre essas questões e levei-as para prática, percebi que para ser possível alfabetizar os alunos de determinado espaço é preciso conhecer suas singularidades. Quando tratamos de classe multisseriada, a atenção deve ser redobrada no que diz respeito a diferenças, pois além da heterogeneidade temos nesse ambiente a questão de diferentes séries e idades simultaneamente.

As estratégias configuram a proposta curricular que possivelmente será desenvolvida com os alunos, e ao longo do processo de ensino e aprendizagem os professores devem se atentar aos métodos mais adequados e continuar utilizando para o progresso de determinada turma, já que as mesmas precisam necessariamente estar articuladas com a realidade de cada aluno. Acredito que o professor deve sempre ter um olhar atento, crítico, inovador e não pesar somente nas formas de avaliação da turma, mas em conhecer pelo menos o mínimo de cada um dos seus alunos e então adequar sua teoria e prática para que o processo de aprendizagem seja feito de forma consciente e sempre positiva.

Em todos os âmbitos escolares as estratégias servem como planejamento e auxílio aos docentes para trabalhar com os alunos, já que inclui práticas, métodos e técnicas de ensino e promove melhor organização. Podemos perceber na afirmação de Gandin (2008):

É fundamental pensar o planejamento como uma ferramenta para dar mais eficiência à ação humana, o planejamento facilita as decisões e lhes dá consistência e auxilia na organização da prática. (Gandin, 2008. p. 01).

No contexto da multisseriação, as estratégias devem ser diversificadas para que seja viável o atendimento das necessidades individuais e a pedagogia de Freinet (1969) nos reafirma quando diz que a individualização do trabalho, apoia-se no atendimento às necessidades individuais das crianças, as quais não serão submetidas a um trabalho de “rebanho”. E foi isso que fiz, em algum tempo depois já conseguia com facilidade promover atividades que atendessem as demandas de cada criança.

A pedagogia de Freinet foi o caminho para o trabalho nesse projeto de extensão e fundamentação da pesquisa, pois propõe três fases como princípios básicos que norteiam o ensinar a aprender:

A experimentação, sempre que isso for possível, que pode ser tanto observação, comparação, controle, quanto prova, pelo material escolar, dos problemas que a mente se formula e das leis que ela supõe ou imagina. A criação, que, partindo do real, dos conhecimentos instintivos ou formais gerados pela experimentação consciente ou inconsciente, se alça, com a ajuda da imaginação, a uma concepção ideal do devir a que ela serve. Enfim, completando-as, apoiando-as e reforçando-as, a documentação – a busca da informação desejada em diferentes fontes – que é como uma tomada de consciência da experiência realizada, no tempo e no espaço, por outros homens, outras raças, outras gerações. (FREINET, 1998, p. 354-355)

O Programa Escola Ativa² foi também um outro apoio para desenvolver de forma positiva práticas pedagógicas nesse projeto, pois é fundamentado para que haja qualidade no ensino de método multisseriado. Nessa perspectiva o trabalho se dá mediante a proposta da aprendizagem por intermédio de adaptações de conteúdos de acordo com a realidade social das temáticas trabalhadas dentro desse ambiente.

Outro objetivo do programa é garantir a valorização dos profissionais docentes, por meio de formação continuada, boas condições de trabalho. Os professores devem ter o apoio para trabalhar com diferentes níveis de desenvolvimento e aprendizagem na mesma sala de aula, com a oferta de recursos que facilite tanto atividades coletivas, quanto individuais, superando a pouca qualificação que estes profissionais recebem para tanto. O educador deve possuir livre arbítrio para desenvolvimento das atividades que devem focar nas ações de interação e criação entre sujeitos com diferentes níveis de conhecimento e habilidades, compreendendo ser este o método educativo. Essa é a peculiaridade desse processo em salas multisseriadas.

Ao final da pesquisa sobre multisseriação, mesmo que o trabalho desenvolvido fosse em um espaço não escolar, percebi que estava me tornando uma alfabetizadora, visto que muitos ali aprenderam a ler, escrever utilizando dos métodos que incentivei.

Nunca tive desejo em ensinar pelo tradicionalismo, pois sei a quantidade mínima que o aluno tende a desenvolver e aprender de forma efetiva devido minha experiência na educação básica, então, a maneira que

²O Programa Escola Ativa busca melhorar a qualidade do desempenho escolar em classes multisseriadas das escolas do campo. Entre as principais estratégias estão: implantar nas escolas recursos pedagógicos que estimulem a construção do conhecimento do aluno e capacitar os professores”. (MEC,2010)

encontrei foi trabalhar com recursos didáticos que estimulassem a construção do conhecimento de cada aluno, tanto nos projetos de extensão, quanto nos estágios.

O PET foi de grande importância nos estágios, devido ao aprendizado que eu estava adquirindo no programa, soube como aproveitar cada momento nos espaços em que escolhi. O mesmo facilitou na escolha das práticas que eu deveria desenvolver, nos planejamentos e até mesmo na escrita do relatório final.

Ao longo do curso de pedagogia da UFOP, são desenvolvidos seis estágios supervisionados. Então busquei para educação formal instituições de ensino da rede municipal, pois meu desejo era analisar a qualidade de ensino, os materiais didáticos e como é o trabalho do profissional docente nesses espaços devido toda dificuldade com os recursos financeiros que deveriam ser disponibilizados pelo governo.

As condições dessas escolas em que escolhi estagiar eram bem precárias, mas todas elas buscavam meios para garantir melhorias. Percebi que a gestão dessas escolas fazia rifas, alugava o espaço de recreação dos alunos para terceiros em dias não letivos e com arrecadações nas festas comemorativas que são promovidas no decorrer do ano. Mesmo com todas as dificuldades as escolas e profissionais da educação lutavam pela continuidade do funcionamento, melhorias dos espaços externos e internos e por qualidade do ensino, fiquei feliz e realizada em saber que muitos professores já conseguiram mudar os hábitos do método tradicional e dar voz aos alunos, assim como fazer adequações no ensino de forma que atenda a todos sem exceções.

Para a educação em espaço não escolar o local que optei foi o CAPSI³ do município de Ouro Preto- MG. Visando conhecer como funciona o trabalho do psicopedagogo, quais são suas funções, como são feitos seus planejamentos e se por ventura tem funções distintas na profissão quanto pedagogo e psicólogo. Nesse ambiente e com as pessoas que fazem parte dele, pude compreender mais e melhor sobre o trabalho do pedagogo fora da

³ CAPSI é a sigla usada para referenciar o Centro de Atenção Psicossocial Infantil, é uma organização social que desenvolve serviços de assistência para saúde mental das crianças da região.

sala de aula. Entendi também que o assistencialismo e a educação devem sempre ter alguma ligação, pois uma grande maioria que necessitam desse tipo de atendimentos que são de direitos humanos tem uma condição mais vulnerável.

Enfim, durante esses quatro anos da graduação os desafios foram inúmeros, mas as possibilidades são muitas. O desafio começa a partir do ingresso, que mesmo sendo direito de todos torna-se difícil pela concorrência.

A universidade vai muito além da teoria dada em sala de aula, pois oferece diversas atividades fora. É necessário buscar além e de acordo com o que vê como necessidade. O aluno como eu, que queira aprimorar seus conhecimentos precisam se atentar e desejar participar, lá temos a possibilidade de se inteirar em projetos de ensino, pesquisa e extensão que nos da base para atuar na futura profissão. O PET sendo um programa único, junto da universidade me ofereceu os três além de me garantir participação em congressos, cursos, atividades de formação, entre outros. Contribui para uma prática pedagógica eficaz, além de acrescentar muito no currículo e na vida pessoal de cada graduando.

4.2. O FIM DA GRADUAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA

O final do curso de licenciatura em pedagogia estava previsto para o meio deste ano de 2020, eu já havia feito 98% das disciplinas e a conclusão de mais uma etapa estava próxima. Logo eu já começaria a pós-graduação, mas, a chegada do Novo corona vírus (COVID-19) impossibilitou dar continuidade, já que todos precisaram se manter em isolamento domiciliar.

A universidade, assim como outros vários campos da educação também foi afetada, ninguém sabia ao certo o que poderia ser feito e na maioria das vezes dependíamos da tecnologia, isso dificultou em vários sentidos muitas pessoas.

Pensando em uma maneira dos alunos não ficarem sem aula foi criado o Período Letivo Especial (PLE), onde as aulas teriam menos meses de duração e mesmo a carga horária continuando a mesma, os alunos só tiveram direito de cursar duas disciplinas a princípio. Foi um desafio muito grande para todos nós, pois é tudo muito novo.

A dependência tecnológica que temos e precisamos, me fez pensar sobre a formação continuada quanto futura educadora. Na contemporaneidade, a sociedade que fazemos parte tem se renovado muito rápido e as características da atuação do professor tem se transformado constantemente. O PLE foi um grande aprendizado e desafio para todos, e o que vem me chamando atenção é sobre a importância do papel do professor e a desvalorização da profissão ainda assim por alguns.

A condição de trabalho me permitiu nesse momento refletir a ação da própria prática. Pais e/ou responsáveis e alunos precisam de ajuda o tempo todo dos profissionais docentes, os encontros dependem muito da tecnologia e muitos professores não tem habilidade para desenvolver atividades por esse meio e os alunos esperam ajuda dos mesmos. Trabalhar de forma diferenciada do convencional e tradicional, adequar o trabalho para um método interdisciplinar e apropriar-se do novo cotidiano escolar são questões que ganharam outro aspecto, mesmo com a desvalorização, o coletivo tem ajudado os docentes a confrontar os desafios e a resistir ao novo.

A formação continuada necessita de cursos de aperfeiçoamento destinados a progressão do saber, palestras, oficinas, entre outros. Assim, a prática pedagógica tem um avanço considerável para auxiliar no desenvolvimento do aluno. O uso da tecnologia nas demandas educacionais deverá ser repensado. Hoje conseguimos ver claramente que é necessidade e todos nós estamos envolvidos a ela até mesmo indiretamente, seu uso está cada vez mais presente na sala de aula. Araújo nos ajuda a repensar quando diz:

O valor da tecnologia na educação é derivado inteiramente da sua aplicação. Saber direcionar o uso da Internet na sala de aula deve ser uma atividade de responsabilidade, pois exige que o professor preze, dentro da perspectiva progressista, a construção do conhecimento, de modo a contemplar o desenvolvimento de habilidade cognitivas que instigam o aluno a refletir e compreender, conforme acessam, armazenam, manipulam e analisam as informações que sondam na Internet. (Araújo, 2005.p. 23-24).

Mesmo sem saber como será a continuação e fim da graduação, vejo que o uso da tecnologia estará muito presente, tanto na minha formação quanto na futura profissão. A formação continuada deverá ser algo muito pensando até pelos profissionais que já não estão no início da carreira, para acompanhar a realidade.

Por fim, levar em conta que já caminhamos bastante, mas ainda temos um longo caminho a ser seguido. Seremos conscientes que o uso da tecnologia dentro e fora do ambiente escolar possibilitará relações de interação e comunicação como principal forma de disseminar conhecimento, repensar a prática sem medo das mudanças e novos desafios que iremos enfrentar, convincente do caminho que iremos percorrer e onde queremos chegar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita do memorial formativo possibilitou por meio dos relatos de experiências, perceber e refletir que os dados aqui apresentados trazem uma diversidade de situações e contextos. É uma relevante contribuição para a formação de um profissional reflexivo e crítico, pois no momento da escrita e por meio das retomadas de memória analisamos os caminhos que percorremos e qual pretendemos seguir. Para Passeggi:

A escrita do memorial democratiza as narrativas de fatos memoráveis, substituindo o personagem ilustre, o notável, pelo narrador-autor que se coloca em cena como herói de sua própria história, inserindo sua vida intelectual no conjunto da vida científica da academia. Finalmente, a escrita do memorial populariza a autoria pela inscrição de autores não consagrados no discurso acadêmico canônico. (PASSEGGI, 2008, p. 37)

Destaca-se o quanto é importante o compromisso dos docentes para fazer a diferença na vida pessoal e acadêmica dos discentes de forma negativa ou positiva, assim como à formação continuada é necessária, já que a educação passa por constantes mudanças.

Percebe-se também que a prática pedagógica precisa ser repensada para que haja desenvolvimento do educando, ainda no que diz respeito a tecnologia que é uma ferramenta que tem permitido principalmente no atual momento que estamos passando por uma pandemia, o acesso ao conhecimento, interação e comunicação independente da distância.

Portanto, quanto graduanda em pedagogia e futura profissional da educação, considero a escrita do memorial importante para o final do curso, pois nos faz refletir sobre o processo educativo, os propósitos e deveres que devem se cumprir na vida profissional. Através dele, é possível investir em um saber atencioso à nossa realidade e enxergar com clareza os problemas,

buscando sempre renovar a prática, sendo construtor de conhecimentos e tomando consciência do nosso papel na sociedade.

De acordo com Paulo Freire:

Crescer como profissional significa ir localizando-se no tempo e nas circunstâncias em que vivemos para chegarmos a ser um ser verdadeiramente capaz de criar e transformar a realidade em conjunto com os nossos semelhantes para o alcance de nossos objetivos como profissionais da Educação (Freire, 2001, p. 35).

Por fim, a retomada de memória mostra que tudo que enfrentei na trajetória acadêmica, hoje é gratificante. Chegar ao fim de mais uma etapa já quase concluindo a graduação, onde desenvolvi reflexões críticas sobre o educar e pude aprender a ensinar de forma responsável. Mesmo com todas as dificuldades e ações de impacto de professores/colegas de profissão é preciso resistir e investir em mudanças que irão contribuir com o processo educativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Rosana Sarita de. **Contribuições da Metodologia WebQuest no Processo de letramento dos alunos nas séries iniciais no Ensino Fundamental**. In: MERCADO, Luís Paulo Leopoldo (org.). *Vivências com Aprendizagem na Internet*. Maceió: Edufal, 2005.

ÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2ª. Edição, 1977.

Bosa, C. A. (2002). **Autismo: Atuais interpretações para antigas observações**. In C. R. Baptista, & C. Bosa, (Eds.), *Autismo e educação: Reflexões e propostas de intervenção*. Porto Alegre: Artmed.

FREINET, C. **Ensaio de Psicologia sensível**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Nascimento de uma Pedagogia Popular – Métodos Freinet**. Lisboa: Editorial Estampa, 1969.

FREIRE, Paulo (1977). **Ação cultural para a liberdade**. 2ª ed. (1ª edição: 1975). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. (1993). **Profesora SIM tia NAO. Cartas a quem ousa ensinar.** Sao Paulo: Olho d'água.

_____. **Educação como prática da liberdade.** 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. & GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história.** Vol. 1. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GANDIN, Danilo. **A Prática do Planejamento Participativo: na educação e em outras instituições, equipes e movimentos dos campos cultural, social, político, religioso e governamental.** Petrópolis: Vozes, 1994.

GARCIA, J. **A gestão da indisciplina na escola.** In: COLÓQUIO DA SECÇÃO PORTUGUESA DA AFIRSE/AIPELF. 11., 2001, Lisboa. Atas. Lisboa: Estrela e Ferreira. 2002.

SOARES, Magda. **Letramento, um tema em três gêneros.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

MORAES, Irary Novah: **Elaboração da Pesquisa Científica.** São Paulo: Atheneu, 1992.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Memoriais: injunção institucional e sedução autobiográfica.** In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Eliseu Clementino de (Org.). *(Auto)biografia: formação, territórios e saberes.* Natal: Editora da UFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.** São Paulo: Saraiva, 1996.